

Períodos do Espiritismo

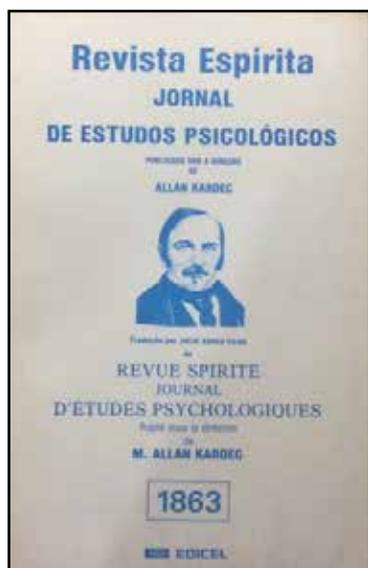
LIVRE-PENSAMENTO: A MARCA DO PERÍODO INTERMEDIÁRIO

Na Revista Espírita de dezembro/1863, Kardec projetou seis períodos para o desenvolvimento do espiritismo. Após o período religioso, viria o “intermediário” que receberia, mais tarde, “sua denominação característica”. Seria razoável denominá-lo “Período do Livre-Pensamento”?

Os seis períodos

Com o título de **Período de Luta**, em 1863, artigo de Allan Kardec identificava a fase então vivida pelo espiritismo. O Auto de Fé de Barcelona (9/10/1860) foi o mais característico sinal dessa fase, cercada de “caráter de violência incrível”, materializada em “sermões furibundos, mandamentos, anátemas, excomunhões, perseguições individuais” onde “livros, brochuras, artigos de jornais, nada foi poupado, nem mesmo a calúnia”.

Vivia o espiritismo, segundo Kardec, seu o terceiro período. Antes dele, teria atravessado o período da **curiosidade** (1º), marcado pelo fenômeno das mesas girantes, seguido do período **filosófico** (2º), inaugurado em 1857 com o lançamento de *O Livro dos Espíritos*. Depois do período de **luta** (3º), que então transcorria, viria o **religioso** (4º). Este seria sucedido pelo período **intermediário** (5º) “que, mais tarde, receberá sua denominação característica”. O período final, marcando “a vitória definitiva da união, da paz e da fraternidade entre os homens”, seria o da **regeneração social** (6º).



Na Revista Espírita de 1863, Kardec projetou seis períodos para o espiritismo.

Positivismo e Espiritismo

Com seu artigo, Kardec não faz nenhum exercício de futurologia. Usando o mesmo método de análise dos fenômenos sociais do positivismo de Augusto Comte (períodos teológico, metafísico e positivo), mas com base na realidade do **espírito** e sua evolução, o fundador do espiritismo, projeta a História como um vir-a-ser onde a curiosidade do ser inteligente conduz, sucessivamente, ao raciocínio, à luta de ideias, às crenças, à renovação transformadora, e, finalmente, à união e à estabilidade, fundadas no conhecimento.

Na trajetória do espiritismo, o “período religioso” foi o da fé na “revelação espiritual”. A partir de suas ideias, criou-se uma nova religião, capaz de dar suporte racional às alegorias cristalizadas em dogmas de fé. Nela sobressaía o “critério da autoridade” dos espíritos e de instituições que pretensamente os representavam.

O período **intermediário**, que parece vivermos agora, convida ao amplo exercício da liberdade de pensar. Parte dos princípios basilares da filosofia espírita, mas estimula o progresso de ideias, construindo um humanismo espiritualista que valoriza o ser humano, vislumbrando no processo reencarnatório o eficaz instrumento de dignificação do ser e de aperfeiçoamento da sociedade.

Uma tendência e um manifesto

A Associação Brasileira de Pedagogia Espírita – ABPE (São Paulo) está propondo o lançamento de manifesto em que rejeita “a ideia de que o espiritismo seja uma religião institucional”, sustentando que “ele propõe uma espiritualidade livre e aberta”. A partir disso, o manifesto proporá “um movimento espírita kardecista livre, para demarcar o que nos une”, ou seja “vivência e prática” de “uma filosofia livre, emancipadora e progressista como é a filosofia proposta por Kardec”. Mensagem enviada a centenas de pessoas e grupos espíritas brasileiros, buscando adesões ao manifesto, atesta o desconforto vigente em amplos setores do movimento espírita do país, diante do perfil místico e igrejeiro assumido pelo espiritismo aqui institucionalizado hegemonicamente. As linhas do manifesto coincidem, em sua essência, com as propostas da CEPA – Associação Espírita Internacional - e que motivaram o Centro Cultural Espírita de Porto Alegre a filiar-se à CEPA (então, Confederação Espírita Pan-Americana), ainda na década de 1990.

Nossa Opinião

O PIONEIRISMO DA CEPA

Mesmo que o livre-pensamento tenha sido a marca mais característica da proposta de Allan Kardec, ao sistematizar o espiritismo, foi necessário o decurso de muito tempo para que amadurecesse a necessidade de superação do chamado “período religioso”. Superar não significa condenar. Por séculos, na história do Ocidente, conceitos relativos à divindade, à imortalidade e evolução do espírito, estiveram aprisionados nos dogmas religiosos. Retirá-los dessa prisão para situá-los no amplo campo da pesquisa científica e da reflexão filosófica é a verdadeira missão do espiritismo, inspirada no pressuposto de que espiritualidade e religião são coisas distintas. Trata-se de um processo, como reconheceu Kardec, que respeita o tempo necessário a cada cultura, nessa caminhada. Para o fundador do espiritismo, essa superação já se daria nos primórdios do Século XX. A experiência demonstrou que o desafio seria bem mais árduo.

Tudo indica que o “período intermediário”, sucedendo ao religioso, está se consolidando entre nós. E que o fio condutor desse processo pode ser chamado “livre-pensamento”. Nominá-lo assim parece bem atender ao projeto kardeciano relativamente às etapas necessariamente percorriáveis para a consolidação da proposta espírita.

O Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, que há cerca de três décadas, desfraldou essa bandeira, festeja o momento que se vive no Brasil. Mas reconhece que o pioneirismo dessas propostas, no território pan-americano, deve-se à CEPA. Quando a expressão “livre-pensamento espírita” estava em desuso pelo movimento hegemônico e era, mesmo, expressamente combatida por setores mais religiosos, a CEPA a resgatava, erigindo-a à condição de adjetivo qualificativo do espiritismo por ela apregoadado.

Encaminhamo-nos hoje para um consenso: sem o exercício do pensamento livre não há espiritismo. Essa é a característica da fase que vivemos. Por que, então, não denominá-la assim?

(A Redação)



Sobre a posse de armas

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo. Nelson Mandela

O armamento da população volta a ser tema de debates intensos no Brasil. Tendo por cenário um país onde os índices de criminalidade atingem níveis escandalosos, decidiu o Poder Executivo, em um dos primeiros atos presidenciais deste novo mandato, flexibilizar anteriores regras que limitavam a posse de armas pelos cidadãos brasileiros, permitindo-lhes manter armas de fogo em casa, obedecidos alguns requisitos.

O crime, quando atinge avanços tão significativos na sociedade, termina por produzir uma série de resultados altamente danosos ao tecido social. Uma dessas consequências é a de introduzir no psiquismo de cada cidadão a distorcida convicção de estar investido da obrigação de combater a violência, por suas próprias mãos. A incapacidade estatal de coibir o crime ou de reduzi-lo a índices aceitáveis reforça no indivíduo esse ardor por sua defesa, de sua família, de seu patrimônio, da ordem privada e pública. A criminalidade generalizada, como está ocorrendo no Brasil, termina por enfermar a sociedade, retroalimentando a violência e pondo em pânico uma sociedade inteira.

Facilitar a posse e o uso de armas de fogo nessas circunstâncias, a experiência tem confirmado, ao invés de reduzir a criminalidade, acaba por agravá-la. Do Estado, em crises históricas como a que estamos a atravessar, é de se exigir, sim, iniciativas no sentido de promover a justiça, na sua mais ampla abrangência, em prol da estabilidade e da sanidade das relações sociais. A presença do Estado, no exercício de sua soberania, inclusive, há de se expressar, forte e decisivamente, por meio do correto uso do direito de punir. Como assinala a questão 796 de O Livro dos Espíritos, “uma sociedade depravada certamente precisa de leis severas”. Quanto mais intensa for a presença estatal, observados os estritos limites da lei, nesse campo punitivo, mais confiança o Poder Público transmitirá ao cidadão que, naturalmente, se irá despindo do atávico sentimento do exercício da justiça privada, justamente por se sentir protegido. É uma questão inerente e consequente do progresso civilizatório da humanidade.

Facilitar a posse de armas, nessas circunstâncias, ao invés de reduzir a criminalidade, acaba por agravá-la.

Mas, o exercício da justiça estatal não se circunscreve ao direito de punir. Exige do governante ações fundamentais no campo da justiça social e do respeito aos direitos fundamentais do ser humano. Dentre estes, sobressai o direito à educação, como o mais importante na formação de homens de bem: “Só a educação poderá reformar os homens, que, então, não precisarão de leis tão rigorosas”, orienta a mesma questão do L.E., antes citada.

O espiritismo, como doutrina progressista e humanista, vê na justiça e na educação as bases mais sólidas para a construção de uma humanidade feliz. No mundo sonhado pela filosofia espírita, a mais eficiente arma contra as injustiças é justamente a educação. As armas propriamente ditas, destrutivas e letais, hão de estar proscritas, porque inúteis, no mundo que buscamos construir.

Utopia? Com certeza não, para quem crê no potencial do espírito humano.

Opinião do leitor

Conteúdos político-partidários?

Há 12 anos leio *CCEPA OPINIÃO* que sempre primou pela orientação espírita. Surpreendi-me, entretanto, na edição 268, com o Editorial e a coluna *Opinião em Tópicos* fazendo comentários político partidários. Novamente, na edição 269, *Enfoque* apresentou comentários político-partidários. Estes, a meu ver, devem ser reservados a fóruns particulares. *Opinião em Tópicos* (edição 268) demonstrou menosprezo e arrogância a uma orientação proferida por um pastor. Em minha modesta opinião, o jornal deveria voltar a publicar informações e artigos que orientassem nosso desenvolvimento espiritual. **Ubirajara Fauth Xavier** – Porto Alegre-Rs - u.fauth.x@terra.com.br

Nota da Redação:

Nenhuma das matérias referidas trata de assuntos político-partidários. Em quase 25 anos de existência, este jornal jamais se ocupou de assuntos visando a apoiar ou combater partidos políticos. O editorial “Bom Senso, Presidente” analisa um período pré-eleitoral marcado por incidentes e declarações de nítida violação aos princípios inerentes ao estado democrático de direito, concluindo o artigo pela necessidade de se “superar eventuais sentimentos de ódio e de revanche” e concitando o novo presidente a governar de formas a que “paixões justiceiras jamais se sobreponham ao Direito e à Justiça”.

Quanto aos artigos aludidos, com opiniões emitidas por seus respectivos subscritores: O colunista de “Opinião em Tópicos” ratifica sua crítica ao ritual religioso que se sucedeu ao anúncio da eleição e no qual foi subestimada a manifestação democrática, atribuindo à divindade - “quem unge a autoridade é Deus” - e não ao povo, o resultado eleitoral, numa verdadeira subversão aos ditames do Estado laico. Já o artigo de W Garcia, “A Longa Espera pelo Homem Moral”, analisa, com propriedade, o nível político ainda vigente no Brasil e proclama a necessidade de atingirmos etapa onde o “homem moral” seja, efetivamente, aquele no qual o povo deposite suas preferências para ocupar todos os cargos eletivos. É justamente o que busca o espiritismo, e também este jornal, em termos políticos.

O Editor.

Leia e assine



CCEPA
opinião
ORGÃO DO CENTRO CULTURAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE
Departamento de Comunicação Social

Rua Botafogo 678 - Menino Deus - P. Alegre - RS
FONE: (51) 3209 2811 - CEP 90150-050
E-mail: ccepars@gmail.com
Blog: <http://www.ccepa-opiniao.blogspot.com.br>
EDITOR CHEFE: Milton R. Medran Moreira
Jornalista - Reg. Prof. MTb3.352

IMPRESSÃO:
Evangraf - www.evangraf.com.br
Fone: (51) 3336 2466 - Porto Alegre/RS

ASSINATURA

Envie o seu pedido de assinatura para o CCEPA, Rua Botafogo 678, Porto Alegre-RS, CEP 90150-050, acompanhado um cheque nominal no valor de R\$ 50,00 e receba, por um ano, este vibrante mensário, porta-voz do pensamento espírita dinâmico e inovador, cultivado no Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Assinatura anual para o exterior: US\$50,00

CONSELHO EDITORIAL:
Maurice Herbert Jones
Salomão Jacob Benchaya
Rui Paulo Nazário de Oliveira
Neventon Vargas (João Pessoa - PB)
REVISÃO: Salomão J. Benchaya
SECRETARIA: Tereza San Martins Samá
EXPEDIÇÃO: Rui P. Nazário de Oliveira
DIAGRAMAÇÃO & ARTE: Evangraf



Opinião em tópicos
Milton Medran Moreira

O espiritismo e as curas mediúnicas

Há anos, num evento social, veio conversar comigo um cidadão que detinha importante cargo no Estado. Sabedor de minha condição de espírita, pediu que lhe informasse onde poderia encontrar uma “casa espírita” à qual pudesse recorrer para curar-se de uma enfermidade. Expliquei-lhe que minha vivência no contexto espírita estava voltada à área doutrinária e que sobre as chamadas curas espirituais talvez eu não soubesse mais do que ele próprio, a partir de reportagens de órgãos de imprensa e/ou relatos de pessoas que haviam visitado famosos centros de curas espirituais. Meu interlocutor estranhou minha resposta. Para ele, não fazia sentido essa coisa de “aspectos doutrinários” do espiritismo. Terminou o assunto comigo dizendo: “Sempre achei que a cura de doenças que não estão ao alcance da medicina fosse a mais importante missão do espiritismo”. Demonstrando-se decepcionado, completou: “Se não é para isso, para que há de servir o espiritismo?”.

Algum tempo depois, soube que aquele senhor, envolvido em profundo estado de depressão, resultado do diagnóstico de uma doença incurável, terminou por colocar fim à própria vida.

O fenômeno diante da vida

Sempre que recordo esse fato, me ponho a questionar se poderia ter feito, naquela oportunidade, algo que viesse a dar outro rumo à vida daquele homem. Mas, acho que estava fora de meu alcance. Mesmo admitindo as boas intenções de entidades espirituais e médiuns que se voltam a essas práticas, minha impressão é a de que elas mais favorecem a uma visão materialista da existência do que à compreensão do verdadeiro significado da vida humana, sua provisoriedade na matéria e sua inafastável finitude física. O amigo que manteve aquele diálogo comigo não vislumbrava no fenômeno da vida outra dimensão que não a material. Possivelmente, a maioria das pessoas que frequentam templos e centros de curas espirituais, agora tão expostos à mídia, em face dos episódios de João de Deus, sejam movidos por igual visão. No máximo, veem ali algo mágico, miraculoso, fora do contexto das leis naturais. Nunca, ou raras vezes, vislumbram no fenômeno o manancial de recursos com que a natureza dotou o universo, para fazer da vida algo mais útil e belo, seja em que dimensão ela flua.

Médicos médiuns

Indiscutível para nós, espíritas, que a natureza dispõe de recursos em favor da vida que ainda não foram objeto de estudos humanos e são desprezados pela medicina acadêmica. Entretanto, a maior contribuição que o espiritismo pode dar no sentido de que eles sejam reconhecidos está em seus fundamentos doutrinários, em sua forma de ver a vida e os conhecimentos que a interpretam, inclusive a medicina. Allan Kardec tratou disso no artigo “Médicos – Médiuns” (Revista Espírita – outubro 1867). Partiu da afirmação de que “seria um erro crer que a mediunidade curadora venha a destronar a medicina e os médicos”. Pelo contrário, considerando que os bons espíritos “trabalham para a humanidade e não vêm para servir a interesses egoístas e individuais”, estes se disporão a “secundar” aqueles que, “sem resistência e sem premeditação, colocarem suas aptidões ao serviço da causa que se esforçam por fazer prevalecer”.

A presença dos espíritos

Com essa posição, Kardec procura harmonizar ciência médica com mediunidade curativa. Sonha com o tempo em que a ciência humana, aberta à realidade do espírito e sua essencialidade no fenômeno da vida, invista cada profissional da saúde na condição de partícipe dos esforços cooperativos em prol da vida humana, na sua mais plena dimensão. Assim, mediunidade e medicina estariam “destinadas a se auxiliarem mutuamente, a se suplementar e a se completar uma a outra”. De minha parte, creio que esse fenômeno já se dá intensamente em episódios médicos diários, independentemente mesmo das crenças dos médicos praticantes dos atos. O que vale é sua intenção. Enfim, os espíritos estão presentes em todas as atividades humanas e são sempre atraídos pela qualidade das intenções humanas. Talvez bem mais do que pensamos, a mediunidade esteja presente nos consultórios médicos, ambulatórios e hospitais.



Opinando
Salomão Jacob Benchaya

O CCEPA E O LIVRE-PENSAR (II)

O “Projeto: Kardequizar” que eu havia lançado na FERGS, em 1986, também foi aplicado na SELC-S.E. Luz e Caridade (atual CCEPA) e marca a ruptura institucional com o modelo de espiritismo religioso. Sucessivas mudanças em seus trabalhos internos, com a diminuição do assistencialismo e das terapêuticas para dar ênfase ao estudo e à reflexão sobre a Filosofia Espírita, se, por um lado, produziram uma significativa redução de público, já esperada, por outro, permitiram o paulatino aparecimento de pessoas mais interessadas em conhecer e aprofundar seus estudos de espiritismo, atraídas por cursos, seminários e encontros abertos à comunidade, imprimindo feição cultural aos programas da Casa, que se formalizaria, em 1991, com a mudança estatutária que transformou a SELC em Centro Cultural Espírita de Porto Alegre.

A partir daí, intensifica-se o intercâmbio cultural com diversos grupos e sociedades do Estado. Eventos como o I ESPE-Encontro Estadual do Pensamento Espírita, Encontros Regionais em cidades como Pelotas, Bagé, Santa Maria, questionavam os rumos do movimento espírita, congregando livres pensadores e corporificando, no Rio Grande do Sul, as ideias propostas pelo movimento santista.

Em 1989, com a criação do Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita (SBPE), por Jaci Régis, o CCEPA estreita relações com o “Grupo de Santos” participando das edições bienais daquele evento de livres pensadores e pesquisadores com numerosas delegações. No III SBPE, em 1993, eu e o Milton Medran Moreira conhecemos o recém-eleito presidente da CEPA, Jon Aizpúrua, que convidou o CCEPA a se filiar àquela organização que se encontrava apartada do Brasil por conta da oposição febeana à sua postura não-religiosa e livre-pensadora.

Em julho de 1995, o CCEPA torna-se filiado à CEPA e, em outubro do mesmo ano, realiza, em Porto Alegre, a quarta e única edição do SBPE fora do Estado de São Paulo, contando com expressiva delegação de argentinos integrantes da CEPA. Nesse mesmo ano, a Federação Espírita do RGS, por não aceitar nenhum desses fatos, desligou o CCEPA do seu quadro de filiadas.

Para a CEPA, foi de grande importância a adesão do CCEPA para, ao lado dos espíritas laicos paulistas, criar condições para o seu retorno ao Brasil, de onde esteve ausente desde o seu II Congresso realizado no Rio de Janeiro, em 1949. Do XVII Congresso da CEPA realizado em Buenos Aires, em 1996, o CCEPA participou com numerosa delegação, sendo, na ocasião, designado para organizar o congresso seguinte, em Porto Alegre. Em outubro de 1997, por ocasião de um encontro de delegados e amigos da CEPA com Jon Aizpúrua, o CCEPA recebe a incumbência de centralizar a coordenação das atividades cepeanas, no Brasil, contando, para isso, com o seu órgão de divulgação OPINIÃO, que logo passaria a incluir um encarte noticioso e doutrinário – Brasil Espírita, depois América Espírita.

Concluirei este assunto no próximo número.

OPINIÃO DE...

Camille Flammarion –
Astrônomo e escritor francês (1842/1925)

“Desde o tempo de Allan Kardec, nos discursos que à beira do seu túmulo pronunciei (2 de abril de 1869), julguei útil e mesmo necessário proclamar junto a esse mesmo túmulo que ‘o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência’ e de acrescentar que ‘assistimos à aurora de uma ciência desconhecida’.

Essas palavras foram pronunciadas há mais de meio século, a marcha continua dos nossos estudos cada vez mais as afirmou e confirmou”. (Do livro “A Morte e seu Mistério” – Vol.3 – Paris 1917.



Confraternização encerrou ano do CCEPA

Um almoço, reunindo dirigentes, associados e integrantes dos Grupos de Estudo do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, encerrou, dia 7 de dezembro último, as atividades do ano de 2018, na tradicional Casa da Rua Botafogo.

O presidente, **Salomão Jacob Benchaya**, na ocasião, agradeceu a presença de todos, no fecho de um ano que foi de muitas atividades no CCEPA e com a adesão de muitos novos companheiros. Passou, então, a palavra à vice-presidente, **Dirce Teresinha Habkost de Carvalho Leite** (foto) que, em emocionado pronunciamento, salientou as características da entidade no acolhimento sempre solícito de todos aqueles que a procuram com o desejo de conhecer a doutrina espírita e desenvolver estudos, numa perspectiva séria, progressista e inovadora, invariavelmente em clima de muita fraternidade, respeitando as diferentes visões e os estágios que atravessam seus frequentadores. Dirce fez especial referência a trabalhadores e dirigentes mais antigos da casa, que teceram o perfil e escreveram a singular história do CCEPA. Concitou, assim, aqueles que, como ela, ali chegaram mais recentemente, a seguirem seus exemplos, com a mesma determinação, com o mesmo amor e com a mesma garra.



Durante os meses de janeiro e fevereiro, o CCEPA reduz suas atividades a um encontro, às quartas-feiras, das 15 às 16 hs, para o estudo e o debate de temas doutrinários, aberto a todos os interessados, seguido de uma oficina de dirigentes e trabalhadores para tratar de assuntos administrativos. Em março de 2019, voltam os diferentes grupos de estudo.

Evolución – A revista do CIMA



Para Aizpúrua, o espiritismo não é de direita nem de esquerda.

Distribuída eletronicamente a todos os interessados, já está disponível o 3º número da Revista “Evolución”, do CIMA – Movimento de Cultura Espírita (Caracas/Venezuela).

Dirigida por **Yolanda Clavijo**, “Evolución” é editada trimestralmente com artigos doutrinários de pensadores espíritas da América Latina e da Europa, sobre os mais diversos temas.

O editorial deste terceiro número da fase recente da publicação, apresentado pelo presidente de CIMA Venezuela, **Jon Aizpúrua**, oferece excelente reflexão sobre “A CEPA e a Doutrina Social do Espiritismo”. No artigo, o ex-presidente da CEPA identifica a proposta espírita, tal como formulada por Allan Kardec, com o laicismo, o humanismo, o livre-pensamento, o cosmopolitismo, a democracia, o sufrágio universal e todos os valores de igualdade e liberdade do estado democrático de direito. Em contrapartida, o espiritismo rechaça a guerra, o racismo, a xenofobia, a tortura, a corrupção, a miséria econômica e social.

Para o editorialista de *Evolución*, o “espiritismo não é de direita nem de esquerda, que são categorias absolutamente superadas e anacrônicas”, pois que as reformas éticas subscritas pelo espiritismo não nascem da esquerda ou da direita, mas do interior da alma humana, na sua melhor expressão evolutiva, moral, intelectual e espiritual”.

A revista de CIMA é distribuída em pdf, gratuitamente, a todos os interessados. Basta pedir pelo e-mail: yolandacaracascima@hotmail.com.

“Flama Espírita” homenageia Kardec e Colavida

A edição nº 171 do boletim “Flama Espírita” (jan a março 2019), órgão do Centro Barcelonês de Cultura Espírita (Barcelona, Catalunha, Espanha), já está disponível com matéria de capa, homenageando **Allan Kardec**, cujos 150 anos de desencarnação serão recordados no próximo dia 31 de março, e **José Maria Fernandez Colavida** nascido a 19 de março de 1819 e que completa, assim, 200 anos de nascimento, em março de 2019.

O fundador do espiritismo e o grande líder espírita catalão, conhecido como “O Kardec espanhol” têm traços de suas biografias relembrados no artigo de “Flama Espírita” que também reproduz poema “A la memoria de los maestros del Espiritismo”, da poetisa espanhola Amalia Domingo Soler. Para acessar o boletim do CBCE, acessar:

<http://www.cbce.info/web/images/pdf/fe1711tr19.pdf>



Violência Sexual Nota de Repudio da CEPA

Diante de recentes denúncias de casos “envolvendo abusos de natureza sexual praticados por pessoas identificadas pela mídia como espíritas”, A CEPA – Associação Espírita Internacional – acaba de publicar, pelas mídias sociais, uma Nota de Repúdio, “objetivando alertar a sociedade contra exercício de práticas mediúnicas espíritas e contrárias às orientações espíritas”.

Em sua manifestação oficial, a CEPA busca esclarecer sobre a distinção entre “espiritualismo” e “espiritismo”, destacando o caráter ético e moral do espiritismo e as recomendações de Allan Kardec, relativamente à mediunidade. Destaca que “sendo o médium espírita ou não, a mediunidade é um dom natural que, segundo a Filosofia Espírita, deve ser praticada gratuitamente a favor da humanidade, do progresso, das pesquisas e de todo o bem que se possa fazer com ela”.

Concretamente, acerca de fatos recentes, noticiados envolvendo dois conhecidos médiuns brasileiros em práticas de violência sexual, a nota explicita: “Maury e João de Deus, conquistaram méritos e reconhecimentos. Consta que curaram muitas pessoas portadoras de enfermidades gravíssimas. Mas, ainda que admirados e endeusados por aqueles a quem intermediaram a cura, revelaram-se apenas humanos, contra os quais há sérias acusações de práticas moralmente condenáveis e totalmente incompatíveis com a ética espírita”.

A manifestação pública, firmada pela presidente da CEPA, **Jacira Jacinto da Silva**, expressa solidariedade aos que sofrem ou sofreram agressões, bem como às suas famílias”. Recomenda que se denunciem “sempre quaisquer suspeitas de abuso ou violência, para que haja investigação”. Mas, também recorda “que não pode haver condenação antes que os órgãos institucionais competentes concluam o processo”, eis que “de acordo com a Constituição Federal, ninguém pode ser considerado culpado antes do trânsito em julgado da sentença condenatória”.

A íntegra da “Nota de Repúdio à Violência”, divulgada pela CEPA, pode ser lida em: <http://cepainternacional.org/site/pt/notas/247-nota-de-repudio-a-violencia>





Registros da Grande Imprensa



Deputado Médium volta a ser destaque

O Grupo RBS (Porto Alegre/RS), responsável pela edição do jornal gaúcho Zero Hora e pela Rádio Gaúcha, no portal “Gaúcha ZH” do dia 7.12.2018, voltou a tratar de fenômenos mediúnicos atribuídos ao deputado gaúcho **Marlon Santos**, que exerceu mandato como deputado estadual até o final de janeiro de 2018 e que, eleito deputado federal, assume na Câmara Federal, a partir deste ano.

Reportagem da jornalista **Débora Ely**, com o título de “**Marlon Santos, o Deputado que tem contatos com o além**”, destaca episódios relatados por colegas parlamentares de Marlon que indicariam ser ele portador de “dons mediúnicos”, responsáveis, por exemplo, pelo conhecimento antecipado de resultados de votações acirradas de projetos que tramitaram naquele Parlamento.

A matéria jornalística se reporta a alguns episódios que fizeram outros deputados acreditar ser Marlon capaz de ler seus pensamentos (telepatia) e também sobre um sonho premonitório acerca de um acidente de trânsito que o levou a recomendar a um colega que não viajasse de automóvel em um determinado dia. Sem levar em conta a advertência, o colega, que estava em campanha eleitoral, viajou e sofreu grave acidente no dia assinalado no sonho de Marlon.

Mediunidade de Cura

Segundo a matéria, “Marlon assegura não ser adivinho, mas afirma incorporar o espírito do doutor Richard Stan, que seria um médico alemão da II Guerra”. Descreve a reportagem: “Aos sábados, em um pavilhão em Cachoeira do Sul, na região central, realiza atendimentos espirituais, incluindo ‘cirurgias pelo espaço’. Nos dias úteis, compartilha seu poder do além com os colegas deputados. Tornou-se unanimidade – da esquerda à direita, é respeitado pelos parlamentares. Por crerem ou temerem, impossível dizer”.

Em 31 de janeiro de 2018, oportunidade e que **Marlon Santos** (PDT) assumiu a presidência da Assembleia Legislativa do Estado, o jornal Zero Hora publicou extensa reportagem com o título “Conheça o Deputado Médium que assume a presidência da Assembleia”, descrevendo o trabalho por ele realizado em sua cidade de origem, todos os fins de semana. A reportagem foi por nós repercutida em Registros da Grande Imprensa, da edição de março de 2018 (CCEPA Opinião N. 260).

Mesmo trabalhando em Brasília, o deputado federal gaúcho informou à reportagem da RBS que seguirá realizando seus atendimentos em Cachoeira do Sul, aos sábados, onde é procurado por centenas de pessoas semanalmente.

Na foto ao lado, extraída da matéria jornalística, Marlon em atividade em seu centro de curas mediúnicas, na cidade de Cachoeira do Sul.

Para ler a íntegra da reportagem: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2018/12/marlon-santos-o-deputado-que-tem-contatos-no-alem-cjpedmspa0jth01pi2e448ww1.html>



Evento jurídico-social espírita em Guarujá

No último dia 12 de janeiro, o auditório da Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/SP - foi sede do **Fórum Espírita do Livre-Pensar Guarujá**, promovido pelo GELD – Grupo Espírita Léon Denis, em comemoração a seu 9º aniversário de fundação.

Como expositores, atuaram: o advogado **Jailson Lima Mendonça** (Santos/SP) presidente da Associação Brasileira de Delegados e Amigos da CEPA, abordando o tema “*O Espiritismo e a (in) tolerância no processo de globalização*”, e a juíza de Direito aposentada, **Jacira Jacinto da Silva**, com a temática “*Criminalidade: Educar ou Punir?*”, título de livro do qual é autora.

O ato contou com a presença de dezenas de estudiosos das ciências jurídicas e sociais, numa perspectiva espiritualista e livre-pensadora. Segundo **Ricardo de Moraes Nunes**, também bacharel em Direito e Filosofia, um dos fundadores do GELD, “Jacira e Jailson brindaram o seletivo grupo de participantes com profundas reflexões sobre dois temas de maior importância para os dias atuais e sobre os quais a filosofia espírita, bem estudada, tem excelente contribuição a dar”.

Sobre o GELD, Ricardo informou tratar-se de “um grupo valente que resiste em uma cidade de cultura e práticas predominantemente evangélico-cristãs, mesmo no setor espírita, buscando, nesses nove anos de fundação, sempre uma reflexão séria e livre-pensadora sobre espiritismo”. Para Ricardo, “foi uma tarde memorável, na qual o conhecimento e a amizade se fizeram presentes”. O GELD, salientou Ricardo, é um grupo situado em Vicente de Carvalho, da cidade paulista de Guarujá, e “desde sua fundação está plenamente identificado com os ideais do espiritismo laico e livre-pensador, assumido pela CEPA – Associação Espírita Internacional”.

Segundo a presidente **Kátia Cilene**, o GELD pretende realizar esse Fórum anualmente.



Mesa composta por ocasião do evento na OAB: A partir da esquerda: a presidente do GELD, Kátia Cilene; os expositores, Jacira e Jailson, e o fundador do GELD, Ricardo.



Parte do público que prestigiou o evento.





Enfoque

Calendário da Fraternidade, uma necessidade



Dirce Teresinha Habkost de Carvalho Leite,
Pedagoga, vice-presidente do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre.

Recebi, no final do ano, uma interessante mensagem. Intitulava-se: Calendário da Gentileza. Muito criativo, para cada dia de dezembro/2018, propunha uma ação gentil para com alguém. Pequenos gestos, capazes de tornar a vida mais leve, fácil e agradável ao alvo da gentileza.

Fiquei, então, refletindo... Planejamos tantas coisas para realizar num dia, numa semana, num período que começa, num novo ano que chega. É interessante observar a natureza desses planejamentos. Veremos, então, que a maioria deles contempla nossos interesses pessoais, de toda ordem. Caracteriza-se por ser um planejamento centrado no “eu”. Tomando tanto de nosso tempo, preocupações e energias, com certeza privilegia ações importantes. No entanto, esse calendário enobreceria nossa vida se, igualmente, incluísse interesses de nossos semelhantes, especialmente dos que tanto precisam de ações de auxílio.

O Calendário da Gentileza levou-me a perceber que ações fraternas, no mundo de hoje, nem sempre brotam espontaneamente e que, muito frequentemente, se restringem a esporádicas condutas, que se confundem mais com gentilezas do que com efetiva fraternidade. Pensar fraternidade supõe entender um modo de sentir, de pensar e de agir que se prolongue no tempo. Que tenha a constância de uma filosofia que abraçamos, que seja considerada como um modo de viver, como uma escolha racional, embasada numa visão de mundo e de ser humano, plena de altruísmo, e de desejo de criar e contribuir para mais justiça e paz, num esforço permanente, endereçado ao crescimento e bem estar do outro. Fraternidade, para mim, é um ensaio possível para vivenciar, um dia, a plenitude do amor. Impossível alcançá-la sem esse exercício diário, permanente, buscado, desejado, disciplinado de criar um calendário fraterno inclusivo dos interesses e necessidades do outro. Fraternidade é cuidar do semelhante e isso é um ato ético que a vida, nossa consciência amadurecida e, especialmente, nossa prática espírita nos pedem.

Identifico esse calendário fraterno como a possibilidade de dar de nós mesmos aos outros, a uma causa, a um projeto, a uma iniciativa que se volte ao bem coletivo. Associo-o ao ato de selecionar o nosso melhor para transformá-lo em pura doação. Praticar essa fraternidade planejada, que seja tão forte que passe a fazer parte de nossa rotina, requer que solicitemos nosso intelecto para que aprenda as lições e as demandas da nossa sensibilidade que, diante do que percebe que falta ao outro ou ao mundo, sabe colher e ensinar respostas produtivas, profundamente sábias e amorosas. Nessa linda simbiose afeto/racionalidade, estamos, então, prontos para, eticamente, cuidar do outro, produzindo auxílios sempre libertadores e capazes de inspirar no ser beneficiado, autoconfiança para, autoralmente, caminhar, aos poucos, com seus próprios recursos, nos desafios que enfrenta.

Esse calendário fraterno embasar-se-ia naquilo que é fundamental para o entendimento do que devemos dar ao semelhante: igualdade, liberdade e dignidade. Todos, sem exceção de um único ser, somos marcados pelo direito natural a esses três valores fundamentais. Assim, é impossível ser fraterno sem praticar profundo respeito a todo semelhante, a todas as formas de agir com as quais nos deparamos, já que, liberdade de pensar e agir é direito que não pode ser retirado ou usurpado por nós. Respeitar a dignidade do outro é reconhecer o valor de todo ser humano, independente de sua condição intelectual, material ou do lugar que ocupe na sociedade e, especialmente, das ações que pratique. Buscar-se-ia, com este calendário

fraterno, uma linha orientadora de ação na convivência humana, sempre sensível e alerta às oportunidades de concretizar fraternidade na vida de relações. Fraternidade supõe resultados construtivos para alguém ou para um grupo. Fica restrita a um sentimento estéril se não desabrochar em algo concreto em favor do próximo. Ela é um estado interior de disponibilidade permanente, alimentada, estimulada e que resulta numa prática que encaminha para a descoberta feliz da plenitude possível, na Terra, àquela pessoa que a transformou em ideal de vida. Jerri Roberto Almeida, em seu livro Filosofia da Convivência nos lembra, a propósito: “Não há dúvida de que, para o

Espiritismo, o caminho para a plenitude do ser está consubstanciado na sua capacidade de amar produtivamente”.

Assim, o Calendário da Fraternidade a ser criado por nós, uma vez planejado e especificado em ações, estará sob nossos olhos e, o que é mais importante, gravado e ativo em nossa consciência como um compromisso ético, auxiliando-nos a torná-lo palpável, tangível, perceptível em nosso modo de proceder, na vida em convivência.

Muito respeitosa e carinhosamente, te convido a fazer, também, o teu próprio Calendário da Fraternidade/2019, pois, afinal, quem não necessita dela? Dar e receber fraternidade são doces presentes da vida, que nos chegam, sempre, nos momentos mais importantes. São, igualmente, indicadores de alguém que se empenha em construir maturidade para recebê-la e, também, de uma alma que deseja aprender generosidade para partilhá-la. A fraternidade, essência da Doutrina Espírita, está ao nosso alcance e, muitos, muitos semelhantes estão necessitados dela.

O Calendário da Fraternidade, executado por muitos, teria o efeito de uma pedra atirada no lago, que amplia círculos vários, com um único movimento. Inspiraria outros a criá-lo, também, e teria a força poderosa do amor recebido, que tem o dom de criar mais e mais amor.

O convite está lançado! O mundo e nossos irmãos se beneficiarão com nossa adesão à prática fraterna, transformada numa linda e elevada rotina de vida!



O Calendário da Fraternidade, executado por muitos, teria o efeito de uma pedra atirada no lago, que amplia círculos vários, com um único movimento.